

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DUAS INSCRIÇÕES ROMANAS INÉDITAS DO MUSEU DE MARVÃO.

PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, Fernando de, Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão. *Revista de Guimarães*, 72 (1-2) Jan.-Jun. 1962, p. 145-151.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão

Por AFONSO DO PAÇO e
D. FERNANDO DE ALMEIDA

O Museu de Marvão, que contém um curioso grupo de inscrições romanas provenientes na sua maior parte da cidade de *AMMAIA* e estudadas pelo P.^e Eugénio Jalhay (1), recebeu posteriormente dois outros exemplares recolhidos por um de nós quando, nos trabalhos preparatórios para elaborar a carta arqueológica do concelho, teve de percorrê-lo em todos os sentidos para, sobre o terreno, se certificar da veracidade das mais diversas informações que recebera (2).

Durante as escavações arqueológicas levadas a efeito no povoado do Monte Velho (Beirã) (3), um dos operários contou que havia pouco, trabalhando no arroteamento de terrenos no Vale do Cano, aparecera uma «pedra com letras» que, por ser curiosa, não fora enterrada.

Logo que nos foi possível dirigimo-nos ao local (4) e, encontrando-a, tratámos de a pedir ao industrial Sr. João Nunes Sequeira, por quem prontamente foi cedida para o Museu Municipal de Marvão.

Em reconhecimento posterior foi encontrada outra pedra com restos de inscrição junto da casa do Sr. Lau-

(1) Eugénio Jalhay, «Epigrafia Amaiense», *Brotéria*, vol. XLV Lisboa, 1947.

(2) Afonso do Paço, «Carta Arqueológica do Concelho de Marvão», *XIII Cong. Luso-esp. para o progresso das Ciências*, Tomo VIII, Lisboa, 1950.

(3) Afonso do Paço, «Inscrição cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão)», *Brotéria*, vol. XLIX, Lisboa, 1949.

(4) 27 de Setembro de 1948.

reano Carrilho Videira, na Fonte da Pica, e que foi também cedida para o mesmo Museu (1).

*

A Ocidente do concelho, e servindo de extremo a terras de Castelo de Vide, corre a Ribeira do Vale do Cano, afluente da margem esquerda do Rio Sever.

A parte mais suave, e mesmo mais fértil, do seu curso começa por alturas do Castelo do Corregedor e vai, mais ou menos, até ao penedo de S. Martinho, num comprimento aproximado de dois quilómetros, hoje ocupados por um esplêndido pomar do Sr. João Nunes Sequeira.

Em toda esta zona são abundantíssimos os restos arqueológicos. O Castelo do Corregedor, apesar de bastante destruído pelos trabalhos agrícolas, é um magnífico povoado, que bem merecia ser cuidadosamente explorado, pois nele é bem nítida a influência romana sobre as populações indígenas que o habitaram.

Mais adiante, ao lado de um caminho que atravessa a ribeira, há restos de muralhas e paredes, sepulturas abertas na rocha e fragmentos de grandes telhas e potes de barro.

Ainda para Norte, a meio do percurso entre o Corregedor e o Penedo de S. Martinho, à roda do local onde se construiu uma casa para recolha de aprestos de lavoura, deparámos com um grande peso de lagar, bases de colunas, pedras trabalhadas, fragmentos de potes e outras cerâmicas, etc.

Por informação colhida do nosso guia, soubemos que quando do arroteamento dos terrenos para o pomar, eram tantos os restos arqueológicos, que foi preciso abrir valas profundas para os enterrar. Escaparam desta operação o peso de lagar, as bases de colunas e outras pedras trabalhadas que vemos por toda a parte a embelezar as paredes e canalizações actuais, bem como a lápide com inscrição adiante estudada.

Podemos dizer que todo o Vale do Cano está semeado de importantes restos arqueológicos, seguindo-se um grupo de lagaretas e sepulturas abertas na rocha no penedo de S. Martinho, e restos de colunas e mosaicos, mais adiante, no Garriancho.

(1) 29 de Setembro de 1950.

Não estava portanto isolada a nossa lápide, mas integrada em notável conjunto agrícola luso-romano, que depois continuou pela Idade Média até nossos dias.

*

A inscrição do Vale do Cano está gravada em granito e é de forma retangular (Fig. 1); mede na sua maior altura 0,88, de largura 0,36 e de espessura 0,22. A leitura que dela fizemos é a seguinte, gravada em letra dos meados do séc. II:



LOVESIO
ANCEITI
AMMAI
SI·FILI
DE SVO

Fig. 1

As letras medem :

- | | | |
|-----------------------|---|----------|
| 1. ^a linha | — | 6 cm |
| 2. ^a » | — | 5 cm |
| 3. ^a » | — | 4,5 cm |
| 4. ^a » | — | 4 a 6 cm |
| 5. ^a » | — | 4,5 cm |

A inscrição parece, à primeira vista, não ter sido redigida correctamente e, por isso, prestar-se a interpretações várias, o que não cremos ser justo. Assim, *Lovesio* e *Ammai[n]si* são dativos, enquanto *filius* está no genitivo; mas a forma *fili*, embora o lugar que ocupa, não deve ligar-se a *Ammainsi*, que a precede, pois para isso esta palavra devia estar no genitivo *Ammainsis* (ou *Ammaiensis*) e não no dativo. Portanto, *filius* está no nominativo do plural *fil(i)* e a leitura da inscrição será a seguinte:

Lovesio | Anceiti (filio) | Ammai[n] | si fili(i) | de suo | (faciendum curaverunt).

«Os filhos de *Lovesus* Amaicense, filho de *Anceitus*, mandaram fazer à sua custa, o monumento a seu pai».

O interesse maior da inscrição está não só no facto de se fazer referência a um indivíduo natural de Amaia, vizinha do local onde foi encontrada a lápide, mas também nos nomes celtas do pai e do avô dos dedicantes.

Conhecem-se quatro inscrições com referência a Amaia ou a seus naturais. Na primeira (CIL, II, 158), existente hoje no Museu de Portalegre, baseou-se Amador Arrais, e depois outros autores, para localizar a velha cidade nas cercanias de Portalegre (1).

A segunda, que se encontra no Museu Etnológico, apareceu em 1931 numa propriedade da Senhora Condessa de Monsaraz, na freguesia da Aramenha (Marvão) e serviu de base a J. Leite de Vasconcelos para localizar definitivamente a cidade romana de «Ammaia» na Aramenha de hoje (2).

As outras duas lápides têm alusões a indivíduos naturais desta mesma cidade, ou tendo dela o cognome. Uma delas (CIL, II, 5002) existiu em Lisboa e hoje está perdida; a outra apareceu em Placência (CIL, II, 501).

O nome «*Lovesius*», «*Louvesus*», «*Lovessius*», «*Lovessus*», «*Lovessa*», etc., de origem celta (Holder), tem sido encontrado em vários pontos do país. Assim, apareceu em Pombeiro da Beira (CIL, II, 2380), Vinhais

(1) Dom Frey Amador Arrais, «Diálogos» — Nova edição — Lisboa, 1846. Diálogo IV, cap. VIII, pág. 252.

(2) Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos, «Localização da cidade de Ammaia», *Ethnos*, I, 1935, pág. 5.

(CIL, II, 2467), Conímbriga (CIL, II, 5246), Condeixa (CIL, II, 387), Viseu (CIL, II, 5246), Igreja de S. Torquato (CIL, II, 2518), Benavila (CIL, II, 165), Leiria (CIL, II, 346), Silves (CIL, II, 79) e Idanha-a-Velha (S. Lambrino, *Les Inscriptions*, «Arq. Português», nova série, III, n.ºs 14 e 17).

Também é de origem celta o nome *Anceitus* (Holder). No Museu Etnológico guarda-se uma inscrição com este nome: *Anceitus Celti (filius)*, procedente de Idanha-a-Velha (1).

*

Uma outra inscrição deu também entrada no pequeno Museu de Marvão. Foi encontrada perto da vila, não se sabe precisamente onde; infelizmente está mutilada, pois nela consta sòmente a terminação de um nome e um cognome (Fig. 2). É de granito, mede 1,^m10 de comprimento por 0,^m27 de altura e 0,^m105 de espessura. Os caracteres, de 6 cm. de altura, são do séc. I. Conseguimos ler, sem dificuldade:



Fig. 2

O interesse da inscrição reside em «Taporo»: a terminação da palavra anterior dá aso a fantasiarem-se vários nomes para a completar, e por isso não propomos qualquer deles.

Os «Tapori», a quem se refere Plínio (2), contavam-se

(1) S. Lambrino, «Les inscriptions inédites», *Arqueólogo Português*, nova série, III, Lisboa.

(2) C. Plínio, *Naturalis Historia*, IV, 118.

entre os estipiendiários da Lusitânia. Não se conhece a sua origem (céltica? ibérica? autóctone?). Em uma inscrição de Idanha-a-Velha, conservada no Museu Etnológico (3): [Apo?]nius | Celti f(i)lius | [T]aporus | [C] areo I (?) vem a seguir a um nome nitidamente céltico, como faz notar o Prof. Lambrino no trabalho citado. E os «Tapori» seriam, para o ilustre epigrafista, ou um povo celtizado, ou autóctone que tivesse recebido muitos afluxos célticos (1).

Há ainda outras inscrições com «Taporus», aparecidas no território das Beiras: Viseu (CIL, II, 408), Capinha (CIL, II 453), Póvoa do Mileu (Russell Cortês, «Os Tapori de Plínio», *Zephyrus*, 1952, pág. 175). De Idanha-a-Velha é ainda uma inscrição com o mesmo nome, mas desta vez no feminino: «Tapura» (2)

*

Além destas duas inscrições, deparou-se ainda, em 24 de Setembro de 1950, quando se percorreu a região de Abegoa, com uma bela ara provida de «foculus» e uma rosácea de 8 folhas; encontra-se em casa do Sr. José Mota e esperamos vê-la um dia no Museu (Fig. 3).

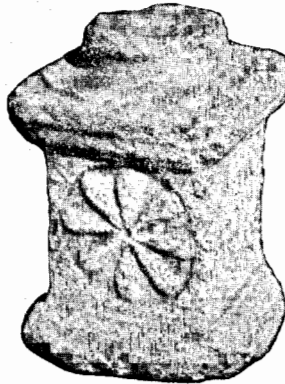


Fig. 3

-
- (1) S. Lambrino, *op. cit.*, pág. 63.
 (2) S. Lambrino, *op. cit.*, pág. 20.
 (3) S. Lambrino, *op. cit.*, pág. 43.

Foi recolhida na encosta, entre a vila e a referida casa; é anepígrafa.

Gravada em granito, tem as seguintes dimensões:

altura total	0,38 m.
largura, no fuste.....	0,18 m.
espessura	0,18 m.

*

É rica em achados arqueológicos a região da velha Amaia; pena é que a ilustre proprietária do terreno onde, segundo toda a probabilidade, se levantava a cidade, não consinta sequer sondagens, pois delas resultariam informações preciosas para futuras escavações. Têm pouca sorte, as ruínas da Aramenha; depois da perda do arco romano transportado para Castelo de Vide, onde acabou por ser destruído, terão que aguardar pacientemente o dia da sua libertação. Felizmente os proprietários de Idanha-a-Velha e os camponeses de Odrinhas têm outra visão da cultura nacional e assim tem sido possível, a um de nós, explorar não só com toda a liberdade, mas com auxílio eficaz aquilo que já são hoje dois dos centros arqueológicos de maior valor no País: honra lhes seja feita (1).

(1) Comunicação apresentada ao *I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1958. Todos os trabalhos realizados para elaboração da «Carta Arqueológica do Concelho de Marvão», e portanto os que promoveram o encontro das duas inscrições do presente estudo, foram custeados por subsídios concedidos pelo Instituto de Alta Cultura a um dos signatários (A. P.), que aproveita a ocasião para renovar os seus agradecimentos.